

GRACILIANO RAMOS: DA REPRESSÃO À LIBERDADE EM INFÂNCIA

JAQUELINE MARTA DE MATOS^{*}
LUÍS ANDRÉ NEPOMUCENO^{**}

Resumo: O presente trabalho consiste em uma análise geral das principais características que se referem à vida e obra de Graciliano Ramos, e ainda em uma análise minuciosa do livro *Infância*, atentando para questões referentes à relação do narrador-personagem desta obra com a linguagem.

Palavras - chave: Graciliano Ramos. Infância. Linguagem. Repressão. Poder.

Abstract: The present work consists of a general analysis of the main characteristics that refers to the life and work of Graciliano Ramos, and still of a meticulous analysis of the novel *Infância*, considering subjects related to the narrator-character of this work in its relation with the language.

Key-words: Graciliano Ramos. Childhood. Language. Repression. Power.

1 Graciliano Ramos: vida, obra e principais características

De acordo com LEMOS (2002, p. 40) “considerar Graciliano Ramos um grande romancista é uma opinião freqüente entre os principais críticos literários e os amantes da literatura nacional”.

Este trabalho não conta com a perspicácia de um crítico literário, pois para adquirir tal virtude ainda seriam necessários anos de estudos e pesquisas. Assim, assume-se então a postura de amante da literatura nacional, mais especificamente da literatura do Mestre Graça, que é, por sua vez, regional e universal.

Graciliano Ramos utilizou a literatura para se constituir cidadão e artista. A partir do momento que apreende a linguagem e a domina, o cidadão envolve-se nas mais diversas e enriquecedoras leituras. Vai se formando criticamente e passa a questionar o mundo,

^{*} Aluna da 4ª série de Letras (2004) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Patos de Minas e bolsista do IV PIBIC.

^{**} Professor de Teoria Literária e de Literatura Norte-americana e orientador da pesquisa.

mundo este que vai muito além do interior alagoano, abrangendo dimensões sócio-culturais, econômicas e políticas de seu tempo.

Pode-se caracterizar Graciliano Ramos como “um grande cidadão, pois não se alienou para criar sua obra. Criou-a dentro de um contexto e de uma situação sócio - política definidos e objetivos” (LEMOS, 2002, p. 40) indo muito além de mero sentimentalismo.

O artista, não estando desvinculado do cidadão, volta-se para questões do sertão nordestino, numa linguagem árida, áspera e precisa, como era a linguagem do cidadão. Aliás apenas a linguagem oral, porque demonstrava, como podemos comprovar em seus livros, principalmente nos de Memórias, uma profunda sensibilidade tanto para a percepção dos fatos que denominavam os comportamentos de quem o rodeava, quanto para as suas próprias atitudes e não conformidades.

Era, segundo ABEL, “um indivíduo cuja inteireza de caráter não teve, jamais, uma queda. Não apenas um grande escritor, muito mais, um grande homem”. (1999, p. 19)

1.1 O artista e suas vivências

Pensemos agora nos seguintes acontecimentos ou fatos históricos: “Abolição da escravatura (1888), Proclamação da República (1889), a expulsão da Família Real de nossas fronteiras territoriais, a censura da imprensa e a existência de um tribunal de exceção para julgar quem atentasse contra a segurança do Estado” (MORAES, 1992 apud LEMOS, 2002, p. 36). Estes marcaram o Brasil da época do nascimento de Graciliano Ramos. Tais acontecimentos são, de maneira sucinta, a denominação para momentos transitórios, problemas sócio políticos, inovações culturais e de uma participação popular nas decisões políticas, além das disputas sociais e acentuadas incertezas quanto ao futuro no país.

Ao longo de sua existência, Graciliano Ramos presenciou “a Semana de Arte Moderna (1922), a Revolução de 1930, a Revolução Constitucionalista (1932), a Intentona Comunista (1935) e a implantação do Estado Novo (1937). Viveu sob o reflexo de duas Guerras Mundiais (1914 e 1939) e da Revolução Russa (1917). (VIANA, 1988 apud LEMOS, 2002, p. 36) Tais acontecimentos históricos foram marcantes na formação de Graciliano “cidadão” e escritor, cujas obras permanecerão devido ao seu caráter universal.

Além de tantos acontecimentos, ainda nos é pertinente considerar que Graciliano Ramos habitou diversos espaços brasileiros. Nasceu no sertão alagoano, em Quebrângulo, onde viveu nos primeiros anos de sua infância.

Buíque, Viçosa e Palmeira dos Índios são cidades em que viveu boa parte de sua vida.

A capital alagoana, Maceió, e a capital carioca, o Rio de Janeiro, também foram habitadas pelo escritor; a primeira ainda em tempos de criança, quando teve seus primeiros contatos eficientes com a linguagem e, mais tarde, ocupando funções e cargos públicos importantes. Já a segunda, inicialmente por volta de seus 23 anos (1915), quando trabalha de revisor em 3 jornais da época: Correio da Manhã, A Tarde e O Século. Depois no exílio em março de 1936, quando é preso em Maceió, levado para o Recife e depois para o Rio de Janeiro e, por fim, quando decide lá residir após ter sido libertado, em janeiro de 1937.

Além desses espaços brasileiros, Graciliano Ramos também conheceu outros países; logo não poderíamos deixar de nos referir à viagem que fez à antiga União Soviética, visitando ainda Portugal, França e Tcheco Eslováquia, tendo tal viagem resultado na publicação, ainda que póstuma, do livro *Viagem* (1954).

Não só *Viagem*, mas toda a obra do Mestre Graça é o resultado de suas vivências, de suas relações consigo e com os outros. Parece-nos claramente que foi sempre um homem de “pouco falar”, “muito observar” e gradativamente crítico e entendedor de si e das almas humanas que cruzaram seus caminhos numa visão regionalista e universal.

“A visão de Graciliano Ramos é universalista, um ponto de vista próprio de todo o gênero humano. Atentou para a agrura, a desagregação e a alienação do povo, problemas que emanam de uma divisão social injusta”. (ABEL, 1999, p. 22)

Escreveu romances, contos, causos, memórias e colaborou para diversos jornais. Ainda pequeno, no interior de Alagoas e mais tarde em Maceió e no Rio de Janeiro.

Em agosto de 1914, Graciliano Ramos, na companhia de um amigo, parte para o Rio de Janeiro na tentativa de mostrar seu valor junto à imprensa carioca. A tentativa foi interrompida, pois, em setembro de 1915, ele teve que voltar a Palmeira dos Índios onde 3 irmãos e um sobrinho haviam morrido, vítimas de peste bubônica. “Neste período, Graciliano Ramos colabora para o jornal fluminense Paraíba do Sul e para o Jornal de Alagoas assinando R.O. (Ramos de Oliveira). Esta produção foi publicada postumamente no volume “*Linhas tortas*”.” (RAMOS, 1994, p. 36)

1.2 Grandes produções

Por volta de 1925, começa a escrever seu primeiro romance, “*Caetés*”, este considerado pela crítica, segundo BULHÕES (1999, p. 16), “um romance menor no conjunto de sua obra”.

ABEL (1999, p. 271) afirma que “ se essa obra houvesse sido escrita por outro que não fosse o Major Graça, seria louvada. Colocada ao lado das outras, apequena-se”.

“*Caetés*” foi concluído em 1928 e só publicado em 1933 pela Editora Schmidt. Apesar de considerada menor pela crítica e pelo próprio autor, já em *Caetés* temos traços característicos que viriam mais tarde consagrar o artista Graciliano Ramos.

O segundo romance de Graciliano Ramos, *São Bernardo*, foi escrito em menos de doze meses. Ele iniciou a obra em fevereiro de 1932 e terminou-a em novembro do mesmo ano. Este livro é considerado criticamente como uma verdadeira obra-prima. Nele o autor consegue tratar de conflitos internos do ser humano, na figura de Paulo Honório, o personagem central, e socialmente das relações de poder, domínio, opressão, revolta dentre tantas outras.

Segundo ABEL (1999, p. 275), “sente-se, nas cartas, o prazer do autor na consecução do romance”. Isto se dá porque em diversos trechos das cartas ele faz referência ao *São Bernardo*, seus personagens e sua linguagem.

Em agosto de 1932, após um período de hospitalização, ele escreve a Heloísa Medeiros, sua esposa: “Durante o dia converso com seu Ribeiro, com Azevedo Gondim, com o Padilha e com a Madalena” (RAMOS, 1994c, p. 120), que são personagens de *São Bernardo*. Como podemos verificar, neste trecho, os personagens passam a acompanhar o Mestre Graça. Ele dedica-se então a criar situações que fizeram de *São Bernardo* uma grande obra.

Na carta 58, que escreve a sua esposa, Graciliano Ramos diz continuar

consertar as cercas de S. Bernardo. Creio que está ficando uma propriedade muito bonita. E se Deus, não mandar o contrário, qualquer dia terei de apresentá-la ao respeitável público. O último capítulo, com algumas emendas que fiz, parece que está bom. (RAMOS, 1994c, p. 123)

Neste trecho, é notório o grande envolvimento e a satisfação do autor em relação à obra em andamento.

Mas, a mais curiosa das declarações de Graciliano Ramos sobre *São Bernardo* está na carta 67 também escrita à Heloísa Medeiros. Nela o autor revela:

O S. Bernardo está pronto, mas foi escrito quase todo em português... Agora está sendo traduzido para brasileiro, um brasileiro encrascado, muito diferente desse que aparece nos livros da gente da cidade, um brasileiro de matuto, com uma quantidade enorme de expressões inéditas, belezas que eu mesmo nem suspeitava que existissem. Além do que eu conhecia, andei a procurar locuções que vou passando para o papel. O velho Sebastião, Otávio, Chico e José Leite me servem de dicionários. O resultado é que a coisa tem períodos absolutamente incompreensíveis para a gente letrada do asfalto e dos cafés. Sendo publicada, servirá para a formação, ou antes para a fixação da língua nacional. Quem sabe daqui a trezentos anos eu não serei um clássico? Os idiotas que estudarem gramática lerão S. Bernardo, cochilando e procurarão nos monólogos de seu Paulo Honório exemplos de boa linguagem. (RAMOS: 1994a, p.135)

Quanto a ser um clássico, Graciliano acertou: realmente se tornou um clássico de nossa literatura. Apenas se equivocou com relação ao tempo que levaria. Ele previu três séculos, mas não foram necessários nem cinquenta anos. Já, quanto aos “idiotas” da gramática, acredito que Graciliano, se ainda fosse vivo, surpreender-se-ia com a reação deles diante da linguagem dos personagens de *S. Bernardo*. Eles, principalmente após os estudos da sociolinguística, podem compreender a obra como um grande “retrato do povo”, suas vivências, expectativas de vida, relações sociais e interiores veiculadas pela presença e/ou ausência de uma linguagem particular, embora esta adquira um caráter universal, devido à sua variedade de expressões e relevância na caracterização das personagens.

No ano que segue à conclusão de *São Bernardo*, Graciliano Ramos inicia a execução do seu terceiro romance: *Angústia*. Este só foi publicado em 1936, quando o autor já estava na prisão.

A obra trata do pondo de vista do autor das “mazelas de nossa sociedade burguesa no tempo da ditadura getulista” (ABEL, 1999, p. 281), e remete à “decadência da família rural, à ruína da burguesia, à imprensa corrupta, à malandragem política, à loucura e ao crime” (ABEL, 1992, p. 282)

Esta interpretação desejada por Graciliano não se efetou. Segundo ABEL, o autor afirma que “ninguém tratava disso, referiam-se a um drama sentimental e besta em cidade pequena” (1999, p. 282)

Tanto em *Angústia*, como em *São Bernardo* e *Caetés*, temos a temática de personagens envolvidos com a estruturação de um livro. Em *Angústia*, é Luís da Silva.

Um homem que, após a traição de sua amada, e o assassinato do amante, Julião Tavares, vê a oportunidade de concretizar seu desejo compulsivo de escrever um livro, levando-nos “à dicotomia: verossímil *versus* verdadeiro, realidade *versus* ficção”. (ABEL, 1999, p. 250)

Em *São Bernardo*, é Paulo Honório, latifundiário destruído pelos seus conflitos interiores e pela crise econômica da época em que vivia, quem decide escrever um livro. Inicialmente acredita ser uma tarefa coletiva e convoca amigos. Logo nas primeiras tentativas, decide que o melhor seria realizar a tarefa sozinho e assim o faz, “amarrado à realidade, à verdade. Entretanto dando-lhe toque pessoal, o seu estilo”. (ABEL, 1999, p. 249)

Já em *Caetés*, o escritor é João Valério. Este não era compulsivo e nem planejava a escritura, simplesmente escrevia. Isto quando sentia vontade, nas horas vagas, sem métodos e não conclui o romance dos caetés, inclusive “acusa-se de não conhecer história e querer escrever um romance histórico” (ABEL, 1999, p. 248)

O outro romance do autor, *Vidas Secas*, ao contrário dos anteriores, não conta com um personagem escritor. Publicado em 1938, é um livro de poucos personagens, cujos capítulos foram escritos desordenadamente e só ao final organizados, sendo, portanto episódios isolados. Segundo ABEL (1999, p. 256), em abril de 1953, Graciliano fala da origem e criação dos personagens de *Vidas Secas* no jornal “O Cruzeiro”:

... utilizei num conto a lembrança de um cachorro sacrificado na Maniçoba, interior de Pernambuco, há muitos anos. Transformei o velho Pedro Ferro, meu avô, no vaqueiro Fabiano; minha avó tomou a figura de Sinhá Vitória; meus tios pequenos, machos e fêmeas, reduziram-se a dois meninos... Aí me veio a idéia de juntar os cinco personagens (o bicho, o matuto, a mulher e os garotos) numa novela miúda – um casal, duas crianças e um cachorro – todos brutos... (ABEL, 1999, p.257)

Vidas Secas “decorreu de um trabalho mental latente, vindo da infância do romancista, passando por sua adolescência e por sua maturidade, enfim, por um rosário de sofrimentos”. (MERCADANTE, 1994, p. 74) “No texto juntavam-se a uma realidade determinada, à seca, à brutalidade do poder, à exploração de um sistema pré-capitalista, à ignorância das criaturas do sertão, imagens psíquicas das criaturas do sertão, imagens psíquicas do inconsciente coletivo” (MERCADANTE, 1994, p. 75) fazendo de *Vidas Secas* uma preciosa e relevante obra de Mestre Graça.

Além das características já citadas podemos ainda dizer das relações entre os personagens. É notória “a incapacidade de comunicação(...) dos protagonistas, o romance só excepcionalmente nos apresenta diálogos rudimentares. É como se fosse um filme mudo” (BRAYER (org), 1978, p. 162). Aliás, a ausência de interação entre os seres, fazendo da linguagem um veículo de comunicação é uma constante na obra de Graciliano Ramos.

1.3 Consciências da maturidade

Depois de escrever *Vidas Secas*, Graciliano projeta-se no universo da literatura infantil escrevendo, em 1939, *A terra dos meninos pelados* e, em 1944, *Histórias de Alexandre*. Durante este período, também escreveu contos e crônicas que, mais tarde, em 1962, foram publicados nos volumes *Linhas tortas*, *Alagoas* e ainda *Insônia*, 1947.

Nesta fase, em que nos deparamos com um Graciliano mais maduro, ele se volta às suas memórias. Passa então a narrar fatos de sua vida de forma original, criando uma realidade ficcional que não permite que separemos biografia e ficção. Aliás, uma realidade rica em minúcias e descrições de locais, ambientes e cenas, capazes de nos transportar para o mundo que cria na ficção, fazendo-nos acreditar que tudo de fato existiu e ocorreu como tal.

Estas memórias foram intituladas *Infância* e *Memórias do Cárcere*. Este é um relato das experiências do autor no período em que esteve preso na década de 30. A obra vai além do mero testemunho histórico. Nela estão definidas a visão do autor frente a si e à sociedade, bem como a postura de contestação, reflexão e crítica que o autor assumiu. Para COUTINHO (1986, p. 408), “é esta atmosfera controlada pelos fatos cotidianos que nos traz o último Graciliano Ramos, mais humano, grande artista.” Ainda segundo COUTINHO, “*Memórias do Cárcere* acompanha em parte as preocupações memorialísticas de Graciliano, antecipadas em *Infância*, sofrendo entretanto um tratamento técnico e contendo vivência diversa” (1986, p. 407)

1.3.1 Infância: obra ímpar

Em *Infância*, o narrador-personagem retrata suas memórias desde aproximadamente os dois anos até o início da adolescência. *Infância*, a princípio, poderia ser comparado estruturalmente a *Vidas Secas*. Seria um livro de episódios isolados, mas

com um tema comum. O que nos permite refutar esta comparação é o caráter cíclico de *Vidas Secas*.

No início da obra, a família de retirantes foge dos castigos da seca. Durante um tempo, mais especificamente quando chove, parece terem o conflito resolvido. Porém, no desencadear dos fatos, a seca os castiga novamente e eles assumem o estágio inicial de retirantes.

Já em *Infância*, apesar de nos parecer inicialmente episódios isolados, à medida que o menino vai adquirindo domínio da linguagem e desenvolve suas habilidades de leitura, os episódios vão se relacionando. O menino nunca mais será o mesmo após o contato com o mundo da linguagem escrita. Quando a domina, ele se liberta da situação repressora e marginal em que se encontrava, fazendo da mesma um instrumento de conhecimento e de poder.

Segundo COUTINHO (1986, p. 407), em *Infância*, Graciliano busca compreender a vida indo aos seus inícios e, através de cenas já agora tão distantes no tempo, tenta significar o que viveu. Ao contrário do que fez em seus romances, deixando a memória dos personagens criar-lhes sua realidade, em *Infância* ele relata seus primeiros anos de vida com um pouco de ficção.

1.3.2 Os personagens de Mestre Graça

Nas memórias de *Infância*, o personagem principal é o menino Graciliano e os outros personagens são seres com quem viveu e conviveu. O próprio Mestre Graça dizia: “minhas personagens não são seres idealizados e sim homens que eu conheci” (ABEL, 1999, p. 253).

Diante de tal afirmação, podemos verificar que os personagens ficcionais criados pelo autor têm uma vertente real. O que fez na ficção foi situar as atitudes e pensamentos dos mesmos num contexto social, intelectual, histórico e político. De acordo com sua experiência, criou personagens tipo; caricaturas; calcados e cristalizados em pormenores da realidade. (COUTINHO, 1986, p. 393)

Ao afirmar que “arte é sangue, é carne. Além disso, não há nada. As nossas personagens são pedaços de nós mesmos, só podemos expor o que somos” (ABEL, 1999, p. 254), Graciliano corrobora para que o compreendamos como um contestador dos conflitos de seu tempo. E mais, é através de seus personagens que detectamos os temas fundamentais de sua obra.

Estes temas seriam, segundo COUTINHO (1986, p. 395), “a sociedade reificada, a falta de comunicação humana, os indivíduos animalizados, a injustiça social, a submissão”. Tratados, por sua vez, de maneira objetiva, usando “A palavra justa, a concisão de termos daí decorrentes, a economia verbal, o predomínio da elipse e da frase resumitiva e predicativa (...) dominam a obra” (COUTINHO, 1986, p. 397) de Graciliano Ramos.

Esta precisão e objetividade não se processam ocasional e circunstancialmente. Ao longo de sua vida, Mestre Graça foi um homem de poucas, mínimas, necessárias palavras. Ocupou seu tempo sendo um grande estudioso e observador, sobretudo dos comportamentos humanos. Tornou-se um grande entendedor e contestante das agruras do ser humano, inclusive as que se proferem pela ausência de comunicação e uso eficiente da linguagem nas relações humanas.

A questão da ausência de uma linguagem eficiente, capaz de promover interação, promoção e entendimento é uma constante na obra de Graciliano. Podemos tomar como exemplo o personagem Fabiano, de *Vidas Secas*.

Neste, o personagem Fabiano é um matuto. Criado na lida da roça, não tem história, não tem antecedentes e nunca será lembrado, pois não se afirma. É um homem ríspido, de poucas palavras, e estas, quando ditas, são duras, amargas, áridas, assim como são precisas as atitudes dele em relação a si e aos outros, no caso, a família e os animais domésticos. Fabiano se sente, e realmente é, um ser marginalizado pela linguagem, ou melhor, pela falta de domínio da linguagem. Ele não sabe se comunicar, suas palavras são diretas e muitas vezes incompreensíveis e, o que é pior, não compreende o que dizem os outros, ficando assim impossível existir uma comunicação eficiente.

Tal falta de domínio da linguagem faz de Fabiano um ser à mercê de sua sorte ou da má vontade dos outros e da incompreensão de si próprio e do outro.

Esta incompreensão pode ser verificada na passagem em que o narrador conta do desentendimento de Fabiano com o soldado amarelo. Também pelas vezes em que o passaram para trás, como o patrão durante o acerto de contas ou no momento em que comprara tecidos para confeccionar as roupas da festa na cidade.

Fabiano é um ser que não tem memória, nunca contou uma história, nunca fez questão de entender ou ser entendido pelos outros. Por não dominar a linguagem julgava-se inferior, anulava-se, e marginalizava-se por se achar incapaz de se relacionar.

1.3.3 Um pouco da linguagem

Se considerarmos que “é na linguagem e, por meio dela, que construímos a leitura da vida e da nossa própria história” (JOBIM E SOUZA, 1996 apud LEMOS, 2002:29), fica claro que as ocasiões conflituosas, marginais, de incompreensão dos outros e de si mesmos foram atribuídas, na obra de Graciliano Ramos, à ausência de um uso efetivo da linguagem, como uma promotora da interação, comunicação e da própria compreensão de seus personagens em relação a si mesmos e a suas atitudes.

Estas relações com a linguagem não constituem um tema específico dos romances de Graciliano, mesmo assim perpassam por toda a sua obra. E é em *Infância* que ela nos parece ainda mais chamativa e envolvente, pois neste livro o narrador-personagem é o menino Graciliano. Assim, as questões de uso da língua ali presentes são as vivências do autor e suas relações e reações provenientes da ausência do ato comunicativo que tem uma evolução considerável, a partir do momento em que o menino tem contato com a leitura e com a escrita.

No universo regional em que Graciliano estruturou sua criação, poderíamos abordar vários temas aqui já mencionados e de relevância na produção deste autor. Contudo, nos ateremos às questões referentes à linguagem, a como esta se processa e as suas características especificamente no livro de memórias, *Infância*.

1.3.4 Infância: gênese da obra e estruturação

Analisando mais detalhadamente nosso objeto de estudo, é interessante buscarmos sua origem. Podemos comprovar que este livro de memórias foi idealizado antes mesmo da prisão do autor, em 1937. Em uma das cartas que envia a Heloísa de Medeiros Ramos, mais especificamente a carta 88, que data de 28 de janeiro de 1936, o autor que preparava *Angústia* diz:

Um dia destes, no banheiro, veio-me de repente uma ótima idéia para um livro. Ficou-me logo a coisa pronta na cabeça e até me apareceram os títulos dos capítulos, que escrevi quando saí do banheiro para não esquecer-los. Aqui vão eles: Sombras, O Inferno, José, As almas, Letras, Meu avô, Emília, Os astrônomos, Caveira, Fernando, Samuel Smiles. Provavelmente me virão idéias para novos capítulos, mas o que há dá para um livro. Vou ver se consigo escrevê-lo depois de terminado *Angústia*. Parece que pode render umas coisas interessantes. (RAMOS, 1994, p. 161)

Infância, porém, só foi publicado pela primeira vez em 1945, sendo um produto do momento em que Graciliano Ramos voltou-se para o universo infantil, após sua libertação da prisão. De fato, os títulos idealizados pelo autor puderam “render umas coisas interessantes”, mais especificamente um extraordinário romance em que se pode verificar a reflexão madura e crítica sobre a brutalidade e a perversidade humana, bem como a presença de um narrador personagem que revive sua infância e pré-adolescência com contribuições da maturidade que adquiriu através de suas vivências sociais e literárias marcadas também por elementos políticos e socioeconômicos. Graciliano Ramos “é o problema e o caso humano”. (LEMOS,2002, p. 41)

Segundo LEMOS (2002, p. 47), Graciliano, “em 1942, planejou a reconstrução de sua infância e escreveu 7 capítulos. Em 1943, escreveu mais 7 capítulos e, em 1944, os 10 capítulos finais”. E então, em 1945, publica *Infância*.

As memórias de *Infância* são uma retomada do autor ao passado com elementos subjetivos do presente. O autor, em oposição ao mundo angustiante e político de suas primeiras obras e ainda pelas reflexões de caráter confessional e memorialista, reconstruiu valores, desejos, medos e outros aspectos de sua infância, que o fizeram único e inacabado, no que se refere às reflexões constantes sobre si, o homem e o mundo, marcando a maturidade do cidadão e artista.

Todos os capítulos de *Infância* são memórias que tomaram forma e caráter literário pelas mãos do autor. Todas essas memórias remetem a fatos e pessoas que fizeram parte da infância do menino Graciliano aproximadamente dos 2 aos 12 anos.

Clarões da vida em Alagoas, a mudança para Pernambuco, a volta para Alagoas, as relações familiares, o autoritarismo do pai, os carinhos amargos da mãe, os primeiros contatos com a leitura, a escola, a descoberta do prazer de ler, a fundação do jornal infantil (Dilúculo), todos estes fatos fazem parte da obra e logo da infância de Graciliano Ramos. São, sem dúvida, fatos bastante significativos da vida do menino. Foram estruturados, como já dissemos anteriormente, por Graciliano em um momento de grande maturidade, em que associa as observações do menino aos seus valores humanos, expondo-o à compreensão das complexidades sociais e, sobretudo, à apreensão da linguagem.

Embora os episódios descritos nesta obra pertençam à infância do menino Graciliano, podemos dizer que esta não é a principal temática de sua obra, isto porque *Infância* é a relação do menino consigo, com seu meio social mediante as questões relacionadas à apreensão e ao domínio da linguagem. Em *Infância*, a princípio, o menino

é um ser marginalizado, só a partir do contato com a leitura e quando toma gosto por ela é que vai constituindo-se como um ser social, capaz de analisar e refletir sobre si e seu meio, auto-afirmando e libertando-se do medo e da repressão.

Podemos considerar que Infância para o menino Graciliano e intencionalmente na obra “são duas” como pudemos verificar. A primeira delas é a infância da repressão, do medo, das dúvidas que nem ao menos são mencionadas. O menino é um ser marginalizado dentro do seu próprio mundo por não dominar e por não ser capaz de compreender a linguagem interagindo com seu meio social. Esta infância seria a dos capítulos “*Nuvens*”, “*Manhã*”, “*Verão*”, “*Um cinturão*”, “*Uma bebedeira*”, “*Chegada à vila*”, “*A vila*”, “*Vida nova*”, “*Padre João Inácio*”, “*O fim do mundo*”, “*O inferno*”, “*O moleque José*”, “*Um incêndio*” e “*José da Luz*”. Já a outra infância estaria marcada inicialmente na obra pelo capítulo 15, intitulado *Leitura*. A partir deste, o menino começa a desvendar o mundo dos textos escritos, a princípio com certa dificuldade, mas em seguida apreende a linguagem tomando inclusive gosto pela leitura, que passa a funcionar como instrumento de libertação e poder.

Entre os quatorze capítulos iniciais não há uma articulação do enredo, é como se cada episódio fosse independente dos anteriores e posteriores. Parecem contos, encerram-se em si mesmos. Embora estejam em ordem cronológica se comparados à vida do autor e lembrando que *Infância* é um livro de memórias, até o capítulo “*Leitura*” não há elementos dependentes um do outro. Os acontecimentos são como uma espécie de lembrança, quando rememoramos fatos do passado e todos são marcados pela repressão.

A partir do décimo quinto capítulo, a estrutura do texto se modifica: há uma organização dos capítulos em seqüência, o discurso atende a uma ordem lógica, há uma relação de causa e efeito. Os fatos narrados agora são relacionados e quanto mais domínio o menino tem da linguagem, mais seu texto faz sentido e os episódios estão mais interligados. No momento em que descobre o mundo dos textos escritos e sente prazer em desvendar seus mistérios, o menino vai se projetando e se inserindo no meio social, tornando-se melhor conhecedor e livre das agruras a que a ausência da linguagem lhe submetia, torna-se crítico e criativo.

OLIVEIRA (1978 apud LEMOS, 2002, p. 45) interpreta nos não-ditos a formação do narrador, através de categorias que analisem o menino vingativo, sua relação com o poder, o determinismo e o arbítrio, a aprendizagem da leitura e, finalmente, o uso da linguagem como arma para quebrar a autoridade paterna.

2 Infância: repressão e medo

Na primeira parte de Infância deparamos-nos com um narrador – personagem cujo caráter era marcado por “uma estrutura que constituía as subjetividades sob as bases do medo, da autoridade e da impossibilidade da contra-palavra”. (LEMOS,2002:98)

2.1 Repressão em caráter familiar

No primeiro capítulo de Infância, “Nuvens”, temos lembranças, episódios soltos que nos dão imagens e idéias do local em que Graciliano viveu nos seus primeiros anos de vida: a fazenda Buíque, no sertão pernambucano; um vaso de pitombas; o açude; a plantação de abóboras; o romance soletrado pela mãe. As idéias emergem, são imprecisas e desconexas, não interagem, não se interligam. Figuras como Amaro Vaqueiro, Sinhá Leopoldina, o tio, a irmã, o moleque José Baía e os pais aqui são lembradas. Cada um por suas características e formas próprias, embora nem sempre o menino pudesse compreendê-las. Afirma que nesta época seus pais já estariam caracterizados: o pai seria “um homem sério, de testa larga (...) dentes fortes, queixo rijo” (RAMOS, 1994b, p. 13) e a mãe “uma senhora enfezada, agressiva, ranzinza sempre a mexer-se (...) boca má, olhos maus que em momentos de cólera se inflamaram com um brilho de loucura” (IDEM); ambos incapazes de dialogar, fazendo, inclusive, com que o próprio menino afirmasse que cresceu “encolhido e silencioso, agüentando cascudos” (RAMOS, 1994b, p. 16)

O que sentia era o desconhecido, o medo que verificamos quando o menino diz:

Meu pai e minha mãe conservavam-se grandes, temerosos, incógnitos. Revejo pedaços deles, rugas, olhos raivosos, bocas irritadas e sem lábios, mãos grossas e calosas, finas e leves, transparentes. Ouço pancadas, tiros, pragas, tilintar de esporas(...) Medo. Foi o medo que me orientou nos primeiros anos, pavor. (RAMOS, 1994b, p. 13)

Em “Manhã”, segundo capítulo, após recordar ciganos, vaqueiros, viajantes, andarilhos que passavam pela fazenda, falar do avô paterno, um dono de engenho arruinado, do avô materno criador de gado, também do casal de bisavós, o menino ainda refere - se a mãe dizendo que poderia ter sido mais humana se nos ataques de cólera não se tornasse tão agressiva.

No terceiro capítulo, “Verão”, o narrador-personagem de Infância, após falar das diferenças entre o tempo da seca e das águas na fazenda e ainda narrar a mudança da família para a vila, refere-se novamente ao pai, dizendo que este “só não economizava pancadas e repreensões. Éramos repreendidos e batidos” (RAMOS, 1994b, p. 27) Para o menino, o “pai era terrivelmente poderoso e essencialmente poderoso”. (RAMOS, 1994b, p. 26)

“Um cinturão”, quarto capítulo de Infância, é, sem dúvida, o mais marcante dos episódios em que o menino é reprimido. Neste o narrador-personagem, com aproximadamente 4 anos, ainda em Buíque, é surrado pelo pai que procurava um cinturão; uma injustiça tremenda, pois o menino não era o culpado pelo desaparecimento do objeto. Como o medo era o que possuía como arma, o menino que se julga débil, incapaz de conversa ou defesa, encolhe-se num canto, mas é descoberto. O pai pergunta, gritando, onde estaria o cinturão e o narrador emudece e reflete “Ainda que tivesse escondido o infame objeto, emudeceria, tão apavorado me achava”.(RAMOS,1994b, p. 30) O menino afirma: “situações deste gênero constituíram as maiores torturas da minha infância e as conseqüências delas me acompanharam”. (IDEM) As situações de repressão, de medo, são tão fortes e traumatizantes que o narrador personagem escreve: “Hoje não posso ouvir uma pessoa falar alto. O coração bate-me forte, desanima, como se fosse parar, a voz emperra, a vista escurece, numa cólera doida agita coisas adormecidas cá dentro”. (RAMOS, 1994b, p. 31) Quando o pai encontra o cinturão, aliás, na rede em que estava deitado, parece que pensa em falar algo ao menino, mas conserva-se longe, deixando o menino acuado e sendo capaz na maturidade de afirmar: “Foi esse o primeiro contato que tive com a justiça” (RAMOS, 1994b, p. 32) “Uma justiça que era legitimada pela autoridade paterna. Uma autoridade absoluta acima de quaisquer paradigmas de racionalidade”. (LEMOS, 2002, p. 86)

Pudemos evidenciar, através dessas exposições anteriormente feitas, que “desde muito cedo, o narrador foi acostumado às arbitrariedades, à tortura e à violência: métodos culturalmente naturalizados no seio de uma família patriarcal e de uma sociedade assolada pelo coronelismo”. (LEMOS, 2002, p. 83)

2.2 Repressão em caráter social

No capítulo “Uma bebedeira”, o narrador-personagem nos presenteia com a descrição de uma visita feita a vizinhos por sua família. Enquanto o pai do menino

conversa com o proprietário da fazenda, as crianças ficam em meio às mulheres da casa, na sala. Por costume daquele tempo e daquela sociedade, enquanto conversavam sobre negócios em separado, as mulheres serviam licor aos hóspedes e para descansarem, ou melhor, verem-se livres das crianças, embebedavam-nas até que elas pegassem no sono, ficando assim inertes e incomunicáveis.

Nos próximos três capítulos “Chegada à vila”, “A vila” e “Vida nova” Graciliano, ao recuperar as imagens da mudança da família para Buíque, além de descrever a vila em aspectos geográficos, descreve ainda os moradores e costumes dos mesmos. Acostumado na fazenda, o menino se assusta quando chega na vila com tantas casas e com tanta gente. Diz: “tornei a perguntar de quem era o gato e obtive a mesma resposta. Esperei algumas palavras. Não vieram – saí desapontado” (RAMOS, 1994b:44) Esta foi uma tentativa do menino de iniciar uma espécie de diálogo que lhe desse, além das informações sobre o gato respostas a outras curiosidades do menino. Como não vieram as respostas, o menino vagueia pela calçada, senta-se no chão, cansado e infeliz, e depois se escora em uma parede e adormece.

O autor viveu “uma infância em que as perguntas ficavam sem respostas, pois não era dado o direito de perguntar às crianças” (LEMOS, 2002, p. 70) e como isso era natural raramente elas ousavam fazê-lo, e, quando tentavam, eram severamente punidas.

2.3 Repressão em caráter religioso

Nos capítulos “Padre João Inácio”, “O fim do mundo” e “Inferno” evidenciam-se valores e crenças religiosas ligadas a temas e pessoas envolvidas com a religião. “ O narrador conhecia algumas torturas terrenas e não desejava se aventurar no conhecimento das torturas espirituais e eternas”. (LEMOS, 2002, p. 93) Nestes capítulos, mais uma vez o menino depara com a rispidez dos adultos. Para o menino, “Padre João Inácio não sabia falar (...) sorrir, brincar (...) Em Padre João Inácio (...) só percebíamos dureza” (RAMOS, 1994b, p. 62)

Num outro momento, ao perguntar à mãe o que seria o inferno, o menino obtém uma resposta pertencente aos moldes da igreja e pergunta se os padres estiveram no inferno, dizendo que este lugar não existe. A mãe se irrita e dá várias chineladas no filho e o narrador personagem conclui: “algumas vezes fui sincero, idiotamente. E vieram-me chineladas e outros castigos oportunos”(RAMOS, 1994b, p. 72)

Em meio a tanta falta de comunicação, surge um ser interessante cuja “conversa (...) era gratuita” (RAMOS, 1994b, p. 92), e com quem “As perguntas saíam espontâneas, e José da Luz (...) explicava” (RAMOS, 1994b, p. 93). Tais considerações referem-se a um soldado que se tornou amigo do menino e que freqüentemente ia ao encontro deste, o soldado lhe respondia questionamentos e contava causos. Foi alguém que aproximou o menino da espécie humana, o entendia, dialogava com discurso próprio e não era como a mãe que se fundamentou no discurso religioso, repetindo o que ouvia ou mal lia.

3. Infância: viés da libertação

Em “Leitura”, inicia-se uma nova fase na vida do narrador-personagem de *Infância*. O pai decide que o menino precisava conhecer o mundo das letras e, pela primeira vez, é-lhe dado o poder de escolha quando o pai pergunta se o menino queria aprender a ler. “Aprendi a carta de A B C em casa, agüentando pancada” (RAMOS, 1994a, p. 35) A princípio, o pai auxilia o menino, depois é Mocinha quem o faz. Pelo que se pôde verificar, Mocinha não era capaz de interagir com os textos, pois, quando é interrogada sobre quem seria o “ter-te-ão”, ela diz que não o conhecia. Mas o mais significativo nem é o fato de Mocinha não poder responder ao questionamento do menino e sim o fato de ele questionar. Diante da frase “Fala pouco e bem: ter-te-ão por alguém” (RAMOS, 1994b, p. 99), pensando que “ter-te-ão” seria Terteão, um sujeito, o menino deseja saber mais sobre o estranho.

Após “Leitura”, são descritos outros episódios que vão moldando a imagem das escolas que o menino freqüentou e as relações deste com a educação. Segundo LEMOS (2002, p. 98), “uma educação pautada pelo excesso de autoridade dos professores (...) uma compensação para a falta de formação sistemática dos mesmos”. E mais “uma escola totalmente dissociada da experiência do narrador, de seu meio sócio-cultural” (LEMOS, 2002, p. 99), como era de costume naquela época, priorizava-se a memorização e partia-se das partes (no caso as letras do alfabeto) para a construção do todo, que seria o texto e que aliás eram textos pouco ou nada significativos para o menino.

Em “Escola”, o menino Graciliano narra o momento em que o pai decide mandá-lo à escola. Para ele “a escola, segundo informações dignas de crédito, era um lugar para onde enviavam crianças rebeldes” (RAMOS, 1994b, p. 104) e, então, ele julga a decisão dos pais injusta, pois era um menino equilibrado e em pouco tempo afirma “tinham-me

domado. Na civilização e na fraqueza, ia para onde me impeliam, muito dócil, muito leve, como pedaços da carta de A B C, triturados, soltos no ar”. (RAMOS, 1994b, p. 108)

Em “D. Maria”, num primeiro momento, o narrador se volta para as características da professora. Segundo LEMOS (2002, p. 105), “ao não utilizar um processo de silenciamento dos alunos (...) tanto o narrador como os demais companheiros de sala de aula tornaram-se autores ativos e participantes do processo de construção de conhecimento”. Tanto é que o nosso menino tem um bom desempenho e precisa de outro livro, com o qual tem alguns problemas.

O primeiro livro, na escola, foi lido em uma semana; mas no segundo encrenquei: diversas viagens à fazenda de meu avô interromperam o trabalho, e logo no começo do volume antipático a história besta de um Miguelzinho que recebia lições com os passarinhos, fechou-me por algum tempo o caminho das letras (RAMOS, 1994a, p. 35)

O tempo em que esteve fechado o caminho das letras é narrado em Infância no capítulos entre “D. Maria” e “Um novo professor”. Neste, em “Um intervalo”, “Os astrônomos”, “Samuel Smiles”, “O menino da mata e seu cão piloto” e “Fernando” pode-se comprovar a revolta do autor que afirma “Aí entrei no terceiro livro e percorri várias escolas, sem proveito” (RAMOS, 1994a, p. 71).

Revive em “Um intervalo” a experiência de estar em companhia dos padres, como não possuía aptidão para as lições clássicas e nem para a aritmética. Aqui, ao criticarem o seu paletó, o menino julga curiosa a maneira de falar pelo avesso, distinta das grosserias a que estava acostumado, apontam os defeitos do paletó com ar de brincadeira, como elogios, embora falsos, e o narrador Graciliano termina o capítulo dizendo: “ainda hoje, se fingem tolerar-me um romance, observo-lhe cuidadoso as mangas, as costuras e vejo-o como ele é realmente”. (RAMOS, 1994b, p. 185)

Em “Os astrônomos” faz uma referência ríspida e rancorosa ao modelo de escola primária do interior que freqüentou:

O lugar de estudo era isso. Os alunos se imobilizavam nos bancos: cinco horas de suplício, uma crucificação. Certo dia vi moscas na cara de um, roendo o canto do olho, entrando no olho. E o olho sem se mexer, como se o menino estivesse morto. Não há prisão pior que uma escola primária do interior. A imobilidade e a insensibilidade me aterraram. Abandonei os cadernos e as auréolas, não deixei que as moscas me comessem. Assim aos nove anos ainda não sabia ler. (RAMOS, 1994b, p. 188)

Mas em “Samuel Smiles” o menino evidencia que a autoridade de seus professores não era pautada no conhecimento, pois, quando pronuncia este nome, percebe que a professora nunca o reprime e mais, desconversa por não saber o correto. O menino então descobre a pronúncia correta da palavra e, na loja, lê em voz alta para afrontar Fernando e dois caixeiros que criticam o menino, e este mais uma vez se isola, pega o dicionário, seus livros e vai ler, julgando os colegas cruéis e imbecis.

Encontra então, na loja, um folheto “O menino da mata e o seu cão Piloto” e a prima Emília reprime o menino por ler aquele folheto, julgando-o pecaminoso, coisa ruim. Mas aqui o menino rebela-se contra a prima e não joga o folheto, e desabafa “proibiram-me rir, falar alto, brincar com os vizinhos, ter opiniões. Eu vivia numa grande cadeia. Não, vivia numa cadeia pequena, como papagaio amarrado na gaiola”. (RAMOS, 1994b, p. 202)

Em “Fernando”, o menino denuncia e critica a miséria de seu tempo, a falta de liberdade de expressão, a repressão e as atrocidades relacionadas a tais fatos. Fernando era um “parente próximo do governo e fiscal da Intendência, atenuava a oposição, esfolava matutos nas feiras e colhia virgindades”. (RAMOS, 1994b, p. 207)

O menino, suas atitudes, sua existência prosseguiram insignificantes e, como levava uma vida bastante chata, comparada a uma prisão, ele se habitua a ler romances. Em Cartas (1994^a, p. 71), afirma que os indivíduos que o conduziram a esse vício foram o tabelião Jerônimo Barreto e o agente do correio Mário Venâncio, grande admirador de Coelho Neto e também literato.

“Jerônimo Barreto” era o tabelião, dono de uma grande estante de livros. O menino, na ânsia de possuir e ler livros diferentes dos manuais didáticos, toma coragem e vai até o tabelião tomar livros emprestados. Dentro de poucos meses, lê todos os livros da biblioteca de Jerônimo Barreto. Enquanto os colegas de Graciliano decoravam rios e capitais da Europa, o menino lia coisas e histórias muito mais prazerosas e significativas, logicamente não só sobre a Europa. O narrador-personagem vê, conhece e entende o mundo através da leitura e por meio dela. Sua principal diversão, sua vida, os conhecimentos e as reflexões ele adquire com a leitura das obras emprestadas por Jerônimo Barreto. Então “a leitura passou a fazer parte da vida do narrador, tornando-se um aspecto de grande importância na constituição de sua subjetividade e na forma de construir conhecimentos sobre o mundo e sobre os homens”. (LEMOS, 2002, p. 107)

No capítulo “Mário Venâncio” , que se refere ao professor de Geografia e a suas relações com o mundo das letras, podemos perceber que “o professor Mário Venâncio se

transformou num parceiro privilegiado para (...) construção do gosto pela leitura e da aquisição de conceitos próprios de crítica literária”. (LEMOS, 2002, p. 106) “Ao ler aventuras, diários e romances, o narrador pode imaginar paisagens, personagens, conteúdos históricos e geográficos que ilustraram as aulas de geografia com vivacidade, sentido e coerência”. (LEMOS, 2002, p. 129) “Em meio a esse contexto de produção literária e à admiração que a figura do professor lhe provocava, o narrador começou a participar espontaneamente de rodas de leitura em sua cidade. (...) Começou a escrever contos” (LEMOS, 2002, p. 105) sendo o primeiro deles O Pequeno Mendigo, publicado no jornal Dilúculo, (do qual era o diretor), após uma série de correções feitas por Mário Venâncio e Seu Ramiro. O menino diz que houve alteração na disposição das palavras e arranjaram-se sinônimos vistosos.

A partir daí, “o narrador evidencia a capacidade que a criança apresenta de subverter as ordens sociais e criar significados para as ações humanas, para a cultura de sua comunidade”. (LEMOS, 2002, p. 94) “O contato com a literatura e a produção textual despertaram as mais diferenciadas habilidades cognitivas no narrador: estimularam seu senso estético, ético, crítico e criativo”. (LEMOS, 200, p. :111) E isso se processa porque o narrador é capaz de ir além das experiências desagradáveis que teve no início do processo de aquisição da leitura, passando a ver esta como um instrumento que lhe possibilita novas formas de pensamento, de construção e de relação com a realidade.

Em seu aprendizado com a palavra, o menino passa de um estágio de ausência de linguagem, marcado pela repressão, e avança para a apreensão da linguagem cujas marcas são o questionamento, a busca do conhecimento, uma libertação que lhe proporciona, inclusive, um certo poder, enquanto ser social. O conhecimento que busca se refere ao mundo, aos homens e a si mesmo. “O narrador precisou ver-se a partir dos outros: dos seus olhos e de suas palavras para compreender a si mesmo”. (LEMOS, 2002, p. 136) Muda seus hábitos de linguagem, mudando também suas relações com os conhecimentos e os homens.

A leitura como experiência desempenhou um importante papel na constituição do narrador, pois ele encontrava, nas histórias dos livros, os elementos de significação que reconfiguravam sua trama subjetiva. A prática de leitura como experiência possibilita ao narrador a vivência de um permanente devir, de um permanente inacabamento, de uma permanente construção de sentidos para as palavras do texto e para sua existência. (LEMOS, 2002, p. 129)

Finalizando, em *Infância*, temos o retrato do artista no aprendizado de seu ofício, construindo uma consciência da significação da linguagem na construção de sua identidade para uma vida inteira de produções literárias. “O livro é repleto de episódios que retratam a leitura como experiência de formação”. (LEMOS, 2002, p. 121) Através da linguagem, o menino Graciliano, narrador-personagem, descobre a possibilidade de uma realização pessoal, isso após dominá-la e conhecê-la bem. Pois a linguagem, quando desconhecida e distante, é caracterizada pela marginalização. O indivíduo que não domina a linguagem silencia-se, oculta-se, o que sente é o medo, a repressão, a falta de entendimento e compreensão de si, do outro e do mundo. Porém, à medida que se descobre o mundo das letras, tem-se maior domínio da linguagem e vai se interagindo com os textos, sejam verbais ou não verbais; a leitura adquire um caráter formador, torna-se instrumento de liberdade, conhecimento e até mesmo de poder. Não só em *Infância*, mas em todos os seus romances, Graciliano lida com essa dualidade da linguagem: repressão x poder; os seus personagens que têm o mínimo domínio da leitura são mais capazes de sobressair e se impor nas relações sociais, enquanto aqueles que não dominam as letras são seres marginalizados e comumente fáceis de ser enganados e repreendidos, como seria respectivamente o caso de “Madalena”, em *São Bernardo*, e “Fabiano”, em *Vidas Secas*.

Referências Bibliográficas

ABEL, Carlos Alberto dos Santos. *Graciliano Ramos: cidadão e artista*. Brasília: Editora da UNB, 1999.

BOSI, Alfredo. “Graciliano Ramos”. In. *História da Literatura Brasileira*. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1991, pp. 452-457.

BRAYER, Sônia (org.). *Graciliano Ramos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978 (Col. “Fortuna Crítica”).

CANDIDO, Antônio. *Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Agir, 1983 (Coleção “Nossos Clássicos”, nº 53).

_____. “ A revolução de 1930 e a cultura”. In. *A educação pela noite e outros ensaios*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1989.

CARPEAUX, Otto Maria. "Visão de Graciliano Ramos". In. *Ensaio Reunidos: 1942-1978 (de A Cinza do Purgatório até Livros na Mesa)*. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora/Topbooks, 1999.

CASTRO, Dácio Antônio de. *Vidas Secas de Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1997.

COUTINHO, Afrânio (dir). "Graciliano Ramos". In. *A literatura no Brasil*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio/UFF, vol. 4, pp. 389-408.

LEMOS, Taísa Viliese de. *Graciliano Ramos: infância pelas mãos do escritor*. São Paulo: Musa Editora, 2002.

MERCADANTE, Paulo. *Graciliano Ramos: o manifesto do trágico*. São Paulo: Topbooks, 1997.

RAMOS, Graciliano. *Cartas*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 1994a.

_____ . *Infância*. 29 ed. Rio de Janeiro: Record, 1994b.

_____ . *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 1994c.

_____ . *Vidas Secas*. 58 ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.